

A CONSTRUÇÃO DE UM MITO DO CRIME: A trajetória de Zara, o tráfico de drogas e a debates sobre a Segurança Pública em Timon (1968-1992)

THIAGO OLIVEIRA DA SILVA BRITO*

“Dizem que a alma do Zara encarnou num boneco lá na rua 100.” Eu era apenas um menino quando ouvi, em meio aos olhares atentos de meus colegas da terceira série, pela primeira vez o nome deste sujeito que, já naquela época, inspirava curiosidade e medo em muitas pessoas. Desde então a imagem que elaborei daquela cena: um boneco como o Tchuk do filme Brinquedo Assassino com uma faca na mão e um olhar assustador ficou para sempre guardada em algum recôndito esporadicamente revisitado de minha memória.

Com a adolescência, fui estudar em Teresina e passou a me intrigar a imagem de lugar violento atribuída à minha cidade, Timon, uma interpretação que alimentou muitas das recorrentes brincadeiras feitas pelos colegas teresinenses, coisas como: “Dizem que Timon tem toque de recolher!”, “Em Timon os bandidos matam um de noite e deixam outro amarrado para o dia seguinte”. Foi esta inquietação que acabou me reaproximando de Zaratustra Yáscara Douglas. Durante a graduação, decidi analisar a construção histórica deste estereótipo e, nas primeiras investigações sobre este tema, quase que por acaso, percebi o lugar marcante e contraditório que a trajetória deste sujeito ocupava nas memórias associadas ao crime em Timon: para muitos ele havia sido um terrível bandido, enquanto que entre outros era visto como um benfeitor, um justiceiro responsável por “limpar a cidade” da nefasta atuação de perigosos traficantes. De alguma forma, de um sujeito “ordinário” vivendo sob as mesmas condições que seus jovens colegas, Zara tinha se diferenciado e alcançado a fama, transformando-se em um sujeito “extraordinário”, cujas ações eram lembradas por muitos de seus contemporâneos.

São as descobertas a respeito do processo de construção desta singularidade atribuída pelos timonenses a Zaratustra Yáscara Douglas, o Zara, (um jovem timonense que entre 1987 e 1992 se notabilizou pelos assassinatos que lhe foram atribuídos e pela habilidade de desafiar a ação policial com suas fugas) realizadas durante a construção de minha monografia de

* Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor de História do Ensino Fundamental II (E. M. Vereador José Ommati –Teresina/PI) e Professor do Centro de Ensino Superior Piauiense (FAP-Teresina). contato: profthiagobrito@oi.com.br.

conclusão de curso (BRITO, 2007) e dissertação de mestrado (BRITO, 2012) que aqui venho comunicar. Ao questionar como Zaratustra se transformou de um “sujeito ordinário” em um “justiceiro-bandido” memorável, busquei caracterizar as condições históricas relacionadas às práticas de lazer juvenis, ao tráfico de drogas e à violência urbana em Timon, as idiossincrasias deste sujeito e analisar a forma como a relação entre estes dois aspectos (contexto histórico e características pessoais) resultaram na original configuração que sua memória apresenta entre timonenses e teresinenses.

Utilizando como parâmetro de periodização a vida do próprio sujeito, estabeleci como recorte histórico a cidade de Timon entre 1968 e 1992 (respectivamente ano de falecimento e morte do Zara), recorte que, além da adequação biográfica, também se justifica devido à coincidência entre o período da vida de Zaratustra e o de transformações na dinâmica do tráfico de drogas, da violência urbana e da atuação do poder público na cidade.

Para a construção de minhas descobertas, utilizei um conjunto diversificado de fontes. As informações contidas nos dois processos-crime no qual Zara foi indiciado como culpado pelo assassinato de Sebastião Dias de Araújo (MARANHÃOb, 1992) e Antonio Francisco de Carvalho Reis (MARANHÃOa, 1992), as reportagens relacionadas à violência urbana publicadas nos jornais *O Dia*, *O Estado*, e *Diário do Povo*,¹ editados em Teresina e dez entrevistas, realizadas com pessoas que lhe foram próximas (antigos vizinhos e uma ex-namorada), alguns de seus “adversários” (policiais e membros da “gangue” rival), ou apenas contemporâneos sem ligação direta com o mesmo.

Ao longo da pesquisa, busquei um debate com diferentes autores, que gosto de reunir em dois grupos de acordo com a maneira com que suas ideias me foram úteis. No primeiro, coloco as obras cuja leitura me auxiliaram na formulação das questões da pesquisa e no reconhecimento de suas implicações teóricas. Neste grupo estão Carlo Ginzburg (2006) e Jacques Revel (1998), e Alba Zaluar (1998) e Teresinha Pires do Rio Caldeira (2000). No segundo, cujas obras me auxiliaram sobretudo no reconhecimento das especificidades do uso de cada conjunto de fontes, coloco Martha Abreu Esteves (1989), Suean Caulfied (2000) e Sidney Chalhoub (2001) - a respeito dos processos-crime; Dora Schuwarzstein (2001) e

¹ Em relação ao jornal *O Dia*, pesquisei desde jan. 1980 a dez. 1992, já *O Estado* de jan. 1985 a dez. 1992 e o *Diário do Povo* de set. 1987 a dez. 1992. As diferenças no recorte se devem às diferentes datas de criação de cada periódico.

Michael Hall (1992) – sobre os relatos orais; Tânia de Luca (2009), Regianny Monte (2007) e Célia de Bernardi (2000) – sobre os jornais..

1. *Zaratustra, o homem comum.*

Pessoal dizem (sic!) que foi assim a origem do nome dele. Foi por isso: “Não, pois vou fazer o seguinte, né? Não vou botar o meu nome, meu sobrenome [do pai], nem o teu [da mãe], vou botar o nome dele de Zaratustra Yáscara Douglas pra ninguém [...] pra que não ficasse o sobrenome de nenhum, né? (SILVA, 2005).

Para muitos que hoje recordam a trajetória de Zara, desde os seus primeiros dias ele já estava destinado à marginalidade. Para seu antigo vizinho José Washigton, seu “nome sem sobrenome” seria a primeira marca da infâmia que acompanharia sua vida e hoje serve de fundamento para a formulação das memórias a seu respeito. No entanto, a História nos ensina que as identidades são fruto de um processo, marcado por contingências e escolhas a partir das quais cada sujeito constitui sua própria individualidade. Sendo assim, o menino Zaratustra, diferente das impressões *a posteriori* da memória, não nasceu bandido e para entender o processo de sua construção enquanto tal, pode ser útil um retorno às origens, ao momento em que ainda era um jovem indistinto entre vários, donde poderemos recompor os valores e práticas culturais compartilhados entre ele e seus contemporâneos.

Ao observar o primeiro grupo no qual ele se inseriu, a família, a trajetória do menino Zara aponta características dos princípios morais que norteavam a sociedade timonense da década de 1970. Filho de uma relação extraconjugal de um abastado empresário integrante de uma família tradicional na cidade (SILVA, 2005:8; MORAES e OLIVEIRA, 2007:4) com uma “mulher de vida livre” (MORAIS e OLIVEIRA, 2007:7) ele foi criado principalmente pelo tio, Pedro Bela, membro ativo da vida política local, candidato a vereador e presidente de agremiações tradicionais como o Núcleo Operário Timonense. Se por um lado a dificuldade do pai em reconhecê-lo indica a força da vigilância imposta às relações afetivas da época e os limites atribuídos às práticas femininas, a memória dos seus antigos vizinhos, que reafirmam o esmero da mãe e o conforto que ela proporcionava à criança, demonstram que, na dinâmica do cotidiano, outros valores informavam a relação entre os vizinhos dentro da qual Zaratustra cresceu: “A mãe dele era apaixonada por ele, cuidava dele como se fosse um.. Ele era tratado como filho de rico, o Zara... [...] Ninguém via o Zara como filho de uma prostituta, por que...

Ela não se portava desta forma, a mãe dele era... [...] a relação era de uma família normal.” (SILVA e SILVA, 2011a:1)

A necessidade que Maria da Luz, antiga vizinha da família, sente em enfatizar a “normalidade” da família de Zara demonstra a força do estigma de prostituta que rondava a mãe do garoto. No entanto, suas recordações acerca dos tempos de escola e das brincadeiras infantis no bairro Santo Antônio deixam entrever que a posição social ocupada pela sua família, sobretudo o tio Pedro Bela, não era das piores. Naquela época o acesso à escola pública era difícil e limitado pelos contatos estabelecidos com os pais de alunos e os administradores das escolas ou membros do poder público local (SILVA, 2005:2; SILVA e SILVA, 2011b:6), mesmo assim, as sociabilidades estabelecidas na vizinhança por seu tio e sua mãe garantiram a Zaratustra o acesso às primeiras letras, ainda na casa de Maria Silvestres (mãe de Maria da Luz) e depois, ao primário, no Colégio Padre Delfino.

As redes de sociabilidade construídas pelos timonenses da década de 1970 influenciavam, portanto, muito mais que as interações na vizinhança, e compunham uma sólida rede de conhecimentos e solidariedade que influenciava o acesso ou negação ao usufruto dos escassos serviços públicos da cidade que crescia mas que, àquela época, ainda tinha uma população majoritariamente rural (SILVA, 2010:46) e um cotidiano das relações urbanas fortemente marcado pelas formas de convívio advindas daquele ambiente.

No entanto, este quadro se alterou bastante com o início da década de 1980. Acompanhando a dinâmica da maioria das cidades brasileiras, nesta década Timon passou por um processo de elevado crescimento populacional, que trouxe em seu esteio um conjunto de ideais de modernização – que se expressavam na valorização das intervenções no meio urbano como a construção de avenidas, praças e prédios públicos (LULA); de problemas urbanos, como a falta d’água, a insuficiência da iluminação pública e de saneamento básico e o crescimento da violência urbana; e de novas práticas e espaços de lazer, os clubes de reggae, que se tornaram um lugar privilegiado de lazer entre os jovens timonenses, dentre eles os membros da turma do bairro Santo Antônio da qual Zara fazia parte.

Para os próximos de Zara, a turma representou um papel crucial na definição de sua trajetória, tendo sido o grupo dentro do qual ele teve contato com práticas influenciadoras de seu caráter: os jogos de futebol nos campos da cidade, os banhos de rio às margens do

Parnaíba, as brigas “infantis” contra jovens de outros bairros e as visitas ao reggae, assim como o contato com as drogas. Através das memórias de Washington, ex membro da turma e vizinho do bairro Santo Antônio, pode-se perceber como as demonstrações de coragem e domínio do uso do corpo através das brigas, assim como o consumo de drogas era interpretados como um pré-requisito para estabelecer os locais de cada membro dentro do grupo:

Antes eu tinha uma vida normal. [...] Mas aí, depois, por ser uma pessoa pacata e, quando cheguei no meio dos meus primo, ali, cheguei no bairro Santo Antônio, levava uma vida diferente da turma. A turma já saía pra som e falava de curtidão, e eu sempre gostei de tá na minha tranquilo e eles criticava [...]. Aí, depois, em decorrência disso, eu acho que fui mostrando pra eles que eu poderia ser, que eu era capaz do que eles imaginavam de curtir ou de beber ou de fumar qualquer coisa. Aí passei, coisa que eu não fazia. [...] Aí passei também a partir pra, pra mostrar, pra botar moral na galera, né? [...] Aí passei a ter aquele temor e, de vez em quando pintava alguns atrito e quando teve alguns atrito eu sempre fui aquele de chegar junto [*bate as mãos*] e botar logo pra arrebentar e botar moral. (SILVA, 2005:3-4)

No entanto, a brigas, o consumo de drogas e as visitas aos clubes de reggae, vistas por Washington como ingredientes da construção das identidades juvenis, eram vistas com maus olhos pela sociedade da época, que via os clubes de reggae como espaços marginais e violentos frequentados por viciados, em contraposição às festas “de família”, representadas pelos bailes do Centro Artístico e do Núcleo Operário (SILVA, 2011:7) e o uso da maconha (principal droga consumida) como uma prova inequívoca de criminalidade, uma interpretação tão forte que orienta a formulação da memória pelos contemporâneos e sua necessidade em negar a prática que, admitem, foi comum entre seus amigos. (SILVA, 2005:6)

Cotejando suas memórias com os jornais da época, podemos perceber como a entrada da turma punha à disposição de seus membros um conjunto de práticas que transitavam no limiar entre a rebeldia juvenil e a criminalidade. Enquanto Washington relata apenas “inocentes” brigas juvenis, o grupo de amigos de Zara era descrito nos jornais da década de 1980 como “viciados e traficantes que estão atacando pessoas indefesas”, responsáveis por assaltos, furtos e agressões aos moradores do bairro Santo Antônio e adjacências.

Se José Washington e Almerinda em algum momento compartilharam as experiências dos integrantes da turma e hoje escaparam ao triste destino daqueles que a partir dali ingressaram no mundo do crime e hoje estão mortos, como Zara, sua condição de “sobreviventes” informa suas memórias e demonstra como, apesar das práticas e valores que

orientavam a turma, a apropriação destes elementos por cada sujeito foi orientada pelas suas escolhas pessoais e como, no olhar de seus contemporâneos, a integração a uma turma, o consumo de drogas, valorização da “valentia”, e a busca da fama que caracterizou a trajetória de Zaratustra não era incomuns, mas sim práticas e valores compartilhados entre seus jovens amigos.

2. *Zara, o justiceiro-trafficante.*

Timon, 13 de agosto de 1987. Por volta das nove horas da manhã o jovem José Baltazar Santana, de vinte anos, foi assassinado com dezenove facadas e uma machadada na cabeça dentro de sua própria casa, situada na rua Seis, nº 2977, bairro São Marcos. A brutalidade do crime perturbou a ordem cotidiana e, nos dias seguintes, seria noticiada com destaque nas páginas do jornal *O Dia*, como resultado de uma “briga entre quadrilhas”.

Baltazar, o Balta, era o líder da turma de meninos do bairro Santo Antônio da qual Zara era membro e entre seus amigos sua morte teve um papel decisivo na trajetória de Zaratustra e hoje ocupa um lugar privilegiado em suas narrativas. Nas memórias de José Washington (SILVA, 2005), Maria da Luz, Elza (SILVA e SILVA, 2011a) e Almerinda (OLIVEIRA, 2006), ela é significada como a justificativa para a “transformação” na personalidade de Zara e sua entrada no mundo do crime. Segundo Almerinda:

Essa confusão toda do Zara começou depois que mataram o Balta. O Balta fazia parte da turma dele, turma assim entre aspas, no começo era uma turma de bairro. Uma turma de amigo, foram, cresceram junto ali, se tornaram muito amigo. Mas depois que mataram o Balta se tornou uma turma, turma realmente perigosa. (OLIVEIRA, 2006:9-10).

O depoimento de Elza, vizinha do morto e amiga de Zara, é lapidar ao reconstituir a estrutura lógica que compõe a forma como sua trajetória é significada na memória de seus próximos. Em seu julgamento, a morte de Balta também ocupa o papel decisivo como o fator que fez a turma composta por seus amigos passar a ser vista como um grupo perigoso. As razões infundadas do crime e sua a barbaridade ajudam a compor a imagem de agressividade e ousadia atribuídas a Maria Lúcia e sua gangue, assim como sugerem uma justificativa clara para os assassinatos cometidos por Zaratustra: a vingança da morte covarde do amigo de infância e o extermínio do perigoso grupo de traficantes responsável pela desordem provocada pelo acirramento da violência na cidade:

O que desencadeou isso foi a morte do Balta, que antes eles só [...] se reuniam pra jogar bola. E aí o Balta, o Balta era lá do grupo, era amigo do pessoal da Maria Lúcia. Ele namorava com a filha da Maria Lúcia, a Ana Patrícia e foi na época... teve uma confusão. Ela, ela inventou... que a Maria Lúcia chefiava, ela que mandava ali na Formosa, era ela que, que liderava tudo ali. E aí ela inventou que o Balta teria estuprado ela, é... a Ana Patrícia, filha da Mara Lúcia e aí a Maria Lúcia simplesmente foi lá na delegacia e disse pro delegado que ele tinha aprontado. Que o Balta tinha aprontado que não prendesse ele, que ela ia resolver, e realmente resolveu. No mesmo dia por volta das sete e meia da noite, ela invadiu com o grupo dela e mataram ele. E o Zara tava em Belém... Só que tinha uns meninos aqui, tinha o Alvinho aqui e o nosso vizinho, o João, que era muito amigo dele e tudo o que acontecia aqui informavam pra ele. Aí informaram pro, pro Zara... isso foi na quarta, quinta-feira, foi final de semana o Zara chegou. E aí na... a primeira pessoa que ele matou foi o Nego Inchado, que era do grupo da Maria Lúcia, aí como era começou e aí todo mundo: “Foi o Zara. Foi o Zara”.

Porque teve gente que viu também. E os meninos já trataram de dizer pra Maria Lúcia que não ia ficar barato: “Que o Zara ia chegar. Que o Zara ia chegar.” E quando ele chegou, desencadeou. E aí dia sim, dia morre gente, até que dizimaram o grupo todinho dela, e a última foi ela e aí começou as história. (SILVA e SILVA, 2011b:8-9).

Em sua narrativa, Elza demonstra alguns elementos, compartilhados entre os demais admiradores de Zara, que informam a interpretação de sua trajetória: em primeiro lugar, a responsabilidade atribuída a Maria Lúcia e seu grupo, denominados como uma gangue de traficantes, pela transformação na dinâmica do tráfico de drogas e da violência na cidade. Na avaliação dos mesmos, teria sido a partir da atuação desta mulher e seu marido, Francisco José Ferreira de Sousa (o Maninho), que o comércio das drogas ilegais passou de uma prática acanhada e sigilosa realizado pelos timonenses para uma concorrência desbragada e violenta, fruto da atuação “profissional” que tais “estrangeiros” teriam introduzido na cidade. Esta oposição entre Zara e sua turma e a gangue de Maninho e Maria Lúcia, construída pela memória, significa uma reafirmação do papel de vítima de seus amigos timonenses, apenas “usuários”, frente aos, esses sim, perigosos “traficantes” liderados pela cearense Maria Lúcia que revela a valorização dos moradores da cidade ante os “forasteiros”. Por outro lado, as memórias dos próximos de Zara constroem uma proximidade entre os fatos do passado que consolidam a ideia da vingança passional levada a efeito por ele: nas palavras de Elza, entre o assassinato de Balta e o início dos assassinatos cometidos por Zaratustra, se passaram poucos dias, a partir de quando se deu um curto período de intensas mortes, encerrados com a morte de Maria Lúcia e a resolução da contenda.

Tais interpretações da memória fazem parte de um esforço de uma construção de Zara enquanto um justiceiro, um jovem honrado e amigo cujos atos foram motivados pelo calor das circunstâncias e de seus sentimentos. No entanto, é importante avaliar tais julgamentos da memória face ao discurso das outras fontes para melhor reconstituir o quadro de possibilidades e escolhas dentro da qual Zara, Balta, Maninho e Maria Lúcia conviveram e daí, vislumbrar alguns outros papéis por eles representados nesta trama.

Analisando os jornais da época, percebemos que, desde o início da década de 1980, Maninho era uma figura conhecida nas páginas policiais dos jornais locais. Visto como traficante e atravessador de objetos roubados, sua casa em Timon era considerada um verdadeiro “coito de marginais”, abrigando bandidos foragidos de diferentes estados. Em constante tensão com a polícia local, ao longo da década, ele fora preso e liberado diversas vezes, em algumas delas tendo inclusive acusado os policiais que lhe prenderam de corrupção, denúncia alardeada pela mídia receosa de demonstrar sua atenção à superação de tais práticas características da ditadura militar então em crise. Com sua prisão definitiva, devido ao assassinato de Baltazar, Maria Lúcia teria assumido a liderança do grupo e levado adiante o “negócio da família”. (MOREIRA, 2011:11) e, na memória dos entrevistados, é ela quem personaliza o grupo por ele liderado e atua como principal atriz das cenas de demonstração de poder e agressividade dos traficantes. (SILVA, 2005:6-11; SILVA e SILVA, 2011a:12) No entanto, nem só de arbítrios de constitui a memória das relações entre Maria Lúcia e os timonenses, na visão de seu filho Jean, a mãe também buscava conquistar a confiança de seus próximos, ofertando alimentos e evitando qualquer ameaça aos mesmos pelos seus clientes. (MOREIRA, 2011:11)

Destoando da imagem de passividade proposta por seus amigos, nas páginas dos jornais teresinenses, desde cedo Balta foi identificado como um homem perigoso, membro de um grupo de “viciados e traficantes” que vinha atacando moradores na região do bairro Santo Antônio em 1986, “vendedor de maconha” informante da polícia, e, por ocasião de sua morte, já era considerado o líder de um grupo de traficantes que vinha disputando com Maninho a liderança sobre o bairro São Marcos. Para a imprensa, portanto, à época de sua morte, Balta era inquestionavelmente um criminoso, um traficante e, sobretudo para os jornalistas do *O Dia*, o líder de um dos grupos cujos conflitos já eram avaliados como uma disputa por

liderança relacionada à lucratividade do tráfico de drogas, aos moldes da guerra do tráfico que imperava no Rio de Janeiro de então.

A julgar pela trajetória dos demais personagens da história de Zara, é possível esboçar um quadro mais amplo das possibilidades de seu ingresso no mundo do crime. Se, por um lado, a memória de seus próximos indica a importância das amizades da infância, dos valores de honra e valentia vivenciados no grupo como móvel de suas ações, por outro, o discurso da imprensa apresenta também os interesses econômicos e políticos que podem ter orientado o retorno de Zaratustra a Timon e o início de seus assassinatos. Teria o jovem pacato se transformado em líder da turma e eficiente justiceiro pelo desejo de vingança do amigo ou para ocupar o lugar que o mesmo vinha exercendo no crescente tráfico de drogas da cidade? Difícil responder, mas, incontestavelmente, com pesos impossíveis de aferir nos dias de hoje, tais elementos estiveram presentes na teia de possibilidades diante das quais ele fez suas escolhas antes de optar pelo ingresso no mundo do crime com a realização de seu primeiro atentado, o assassinato de Antônio Francisco de Carvalho Reis, o Nego Enxada, aliado de Maninho, morto em março de 1988.

Desde então, os rastros de sua vida aparecem em maior quantidade e podemos reconstituir seus contatos com a Justiça de forma mais sólida. Contrariando as memórias de seus amigos, que circunscrevem seus crimes aos assassinatos dos integrantes da gangue de Maninho, os documentos policiais apontam uma diversidade maior de delitos cometidos por nosso sujeito. Durante a averiguação da morte de Nego Enxada, Zara foi apontado como culpado e prestou depoimento, o qual demonstra as suspeitas já fortemente consolidadas de sua ligação com grupos criminosos do sul do país e de que suas constantes viagens para Salvador ou São Paulo (justificadas pelo mesmo com motivos familiares ou busca de emprego) eram na verdade estratégias para fugir aos flagrantes dos crimes. (MARANHÃO: 56) Sem indícios suficientes para efetuar a prisão do suspeito, Zaratustra foi liberado e continuou a fazer das suas, se tornando cada vez mais conhecido no burburinho popular e nas páginas policiais.

Com o aumento de casos de assassinatos relatado nos jornais a partir de 1988, Zara deixou de figurar como um bandido entre vários para cada vez mais ser acusado de liderar um dos grupos envolvidos no que era definido como um “briga de gangues” pelo domínio do

tráfico de drogas em Timon. Em outubro de 1988 foi preso ao tentar roubar um carro em São Luís, em dezembro de 1989, foi acusado de tentativa de homicídio em São Paulo. (MARANHÃOob: 57) Ao que tudo indica, nesta época nosso sujeito já se encontrava bastante mergulhado em práticas criminosas que extrapolavam os limites da vingança particular estabelecida pela memória.

Mas não foram as suspeitas em torno de seu envolvimento em roubos ou homicídios fora de Timon que ajudaram a compor a fama de justiceiro gozada então por Zara, mas os assassinatos de traficantes ocorridos na cidade que lhe foram atribuídos. Tais crimes, faziam parte de um contexto mais abrangente de aumento da violência urbana em Timon na década de 1980, associado a um fenômeno nacional da difusão do tráfico de drogas e seus reflexos sobre a imagem da Polícia e da Justiça que também ocorreu a nível local.

Cotejando os dados de um perfil das ocorrências policiais em Timon documentadas na década de 1980, produzido pelo historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007:98) com as matérias publicadas nos jornais teresinenses acerca da violência em Timon, percebe-se que, em meio aos casos mais comuns de agressão e homicídios passionais, cada vez mais os assassinatos relacionados ao tráfico de drogas passavam a ocupar espaço no noticiário local e a época em que os periódicos tratavam com maior intensidade destes casos corresponde a um período em que os dados estatísticos apontam um aumento considerável no número de ocorrências de assassinato – em 1987 e 1989 ocorreram 22 e 34 mortes, respectivamente, quando antes o mais comum era um máximo de 10 (SANTOS, 2007:98) –, o que demonstra que, no caso timonense, se o tráfico de drogas não foi a única causa, com certeza foi uma variável importante na definição da escalada da violência urbana.

Neste aspecto, Timon não se distancia das demais cidades brasileiras, autoras como Alba Zaluar apontam a década de 1980 como um período em que ocorreu uma difusão do tráfico de drogas pelo Brasil, com a gradual inserção da cocaína no mercado e o estabelecimento de novas rotas de tráfico. (ZALUAR: 249) A nível local, as notícias a respeito de apreensões de traficantes veiculadas nos jornais demonstram a ligação de Timon e Teresina com centros produtores de maconha do interior do Maranhão e do sertão de Pernambuco, cujos produtos chegavam à região por rotas diversificadas e constantemente alteradas para conseguir burlar um crescente cerco da polícia. Trazidas de carro, por

passageiros nos ônibus interestaduais e até de bicicleta, a maconha (principalmente), era vendida em bocas de fumo nos bairros periféricos (BELO: 14), nas escolas teresinenses e até em motéis e consumida nas praças, nas coroas do rio Parnaíba e nos clubes de reggae (BELO: 14-15). A partir de meados da década, há indícios da presença da cocaína no mercado local (na opinião de Jean ainda restrita aos grupos de elite frequentadores de clubes da capital teresinense), além de comprimidos como o Rophinol e injeções dolatinas.

O crescimento deste mercado era assunto recorrente nos jornais e alvo de verdadeiras campanhas moralizadoras e o prolongamento da “onda de assassinatos” envolvendo traficantes, que se arrastava entre períodos de acirramento e trégua desde 1987 até o início da década de 1990, começou a gerar críticas cada vez mais duras à ação da polícia e da Justiça locais. Antenadas com as crescentes discussões sobre o tema que se faziam a nível nacional, os jornalistas locais acusavam cada vez mais a incompetência da polícia em solucionar os crimes timonenses e começavam inclusive a levantar a hipótese da sua conivência com determinados grupos criminosos. Em 24 de agosto de 1989, por exemplo, o jornal *O Dia*, publicou:

A Polícia de Timon está como barata tonta, pois quando começa a investigar um caso no dia seguinte aparece outro bandido morto e o acusado passa a ser vítima também. Esta matança se arrasta há muitos anos e mais de 20 bandidos já morreram na guerra da droga na cidade de Timon, Maranhão, a terra sem lei.

A guerra envolve as quadrilhas dos traficantes Maninho e Zé Pretinho e a disputa de mercado para as drogas é o principal motivo que leva as duas quadrilhas a eliminarem os seus membros. Os crimes são todos praticados com requintes de perversidade e são executados na calada da noite. Muitas cabeças estão na lista negra dos envolvidos no mundo das drogas na cidade de Timon e, como o mal se destrói por si próprio, a polícia não precisa se preocupar. (ASSASSINADO)

Assim como a polícia, o poder Judiciário também passou a ser alvo de crítica e se tornou comum no final da década os questionamentos dos jornalistas acerca das razões da não realização de sessões de júri na cidade, o que contribuía para a construção do clima de insegurança e impunidade que afirmavam grassar na cidade.

Portanto, enquanto Zara começou a ser acusado de seus crimes e considerado como um justiceiro por aqueles que os consideravam parte de uma vingança particular cujo alvo eram apenas os maléficos traficantes membros da gangue de seus rivais Maninho e Maria Lúcia, a imprensa e a polícia passavam a considerá-lo como um perigoso traficante, ainda indistinto entre os vários líderes de gangue da região, cujas ações vinham colocando em xeque a

imagem da polícia e da Justiça local e contribuindo para a consolidação dos estigmas atribuídos à cidade. Cada vez mais a briga de gangues na qual Zara estava inserido contribuía para transformar Timon na amedrontadora cidade sem lei descrita nos jornais.

3. *Zara, o mito do crime.*

Se os crimes e seu debate na década de 1980 tinham contribuído para consolidar a imagem de Timon como uma cidade sem lei, protegida por uma Polícia incompetente e um Judiciário acomodado, a partir do final daquela década e do início dos anos 1990 algumas transformações foram implementadas no Sistema de Segurança da cidade, demonstrando o interesse do poder público local e estadual em superar aquele estigma.

Em março de 1990, o jornal *O Dia* publicou uma nota de repúdio dos vereadores da cidade à situação em que se encontrava a Segurança Pública municipal. Retomando o discurso sobre a fragilidade do sistema comumente veiculado na imprensa, nossos legisladores solicitavam o aumento do efetivo das polícias civil e militar, a criação de uma guarda municipal e a ampliação da Comarca para agilizar o trabalho do Judiciário. Logo a generalizada insatisfação com a atuação da Polícia e da Justiça que este fato indicavam provocou respostas concretas, que, ao tempo em que eram implementadas, eram também louvadas pela imprensa como importantes avanços na luta contra o crime.

Em agosto daquele ano, foi retomada a realização das sessões de júri popular na cidade, com o julgamento de João Pedro da Costa Filho, que foi transformado num evento memorável, sendo realizado na sede de um importante clube da cidade, o Alvorada Clube, sob os olhares de um grande público, engrossado por vários formando do curso de Direito, oportunidade em que comunicou-se também a criação de duas novas comarcas na cidade. A polícia também passou a ser alvo de investimento. Em outubro, o *Diário do Povo* divulgou a decisão do prefeito de reformar o distrito policial do bairro Parque Alvorada, algo que só se concretizaria dois anos mais tarde, já em agosto de 1992. Ano em que também foi instalado um 3º Distrito Policial na cidade. Além disso, nesse início de década, são constantes as notícias apontando os esforços do governo estadual em proporcionar melhor infraestrutura à polícia local, com o envio de viaturas e o aumento gradativo do efetivo policial.

Com esta nova, embora ainda insuficiente, infraestrutura, a polícia local dava mostras de seu interesse em superar a má fama de conivência empenhando-se na realização de blitz e na fiscalização de bares e festas, aumentando a interferência no cotidiano dos moradores, nem sempre com o apoio incondicional de toda a população. Tal investimento, que contava com o apoio do governo estadual e era divulgado e louvado pelos jornais, demonstra como, no início da década de 1990, a questão da violência urbana em Timon já fazia parte de um debate maior acerca de uma imagem negativa da cidade, considerada uma cidade sem lei, acanhada e parasitária em relação à vizinha Teresina e que o combate a este estereótipo já começava a aglutinar diversos atores, desde o poder público até setores da sociedade civil, um processo do qual a criação do hino e da bandeira da cidade (em 1984) e a publicação dos primeiros livros de história sobre Timon (1991) podem ser considerados importantes indícios.

Um dos marcos deste processo foi a realização do I Fórum Sobre Cidadania, Segurança e Justiça no Município, nos dias 08 e 09 de novembro de 1991, no qual estiveram presentes figurantes importantes do Judiciário local, como o Secretário de Segurança Pública do Maranhão, Agostinho Noletto, do Piauí, Ismar Marques, que reafirmaram a necessidade do trabalho conjunto entre os dois estados para garantir a vitória contra a criminalidade.

Foi apenas alguns dias após a ocorrência deste fórum que Zara se envolveu em um assassinato que provocou uma inflexão em sua trajetória. Se até então o alvo de suas ações tinha se circunscrito a “maconheiros e traficantes” de certa forma vistos como dispensáveis por boa parte da sociedade, ao ser acusado de assassinar com 28 facadas e tentar queimar o corpo do representante comercial Sebastião Dias de Araujo, ele ultrapassou o limite da violência aceitável ao cometer um crime contra uma pessoa considerada um “homem de bem” pela população local. Desde então, seja pela especificidade da vítima, seja pelo conhecimento que a polícia tinha angariado sobre ele desde seu primeiro depoimento em 1988, o empenho do efetivo em seu indiciamento foi intenso. Enquanto o inquérito que julgava a morte de Nego Enxada demorou meses para ser concluído, sem provas contundentes, poucos dias após a morte de Sebastião a Polícia local já contava com diversos depoimentos, exames cadavéricos e informações até de outras comarcas substanciando seu pedido de prisão preventiva. (MARANHÃO**b**)

Tudo estava delineado para transformar Zara no exemplo da nova polícia e da Justiça local, no entanto, a dinâmica que sua perseguição tomou levou por água abaixo as expectativas dos agentes da lei. Apesar da constante mobilização policial, que já contava com agentes da Polícia Militar e Civil de Timon e Teresina, assim como outras forças especiais do Piauí, como o GOE, a polícia não conseguia prender o sujeito, cujas recorrentes fugas começaram a trazer à tona as dúvidas sobre a incompetência e conivência da polícia, agora não apenas de Timon, mas até mesmo a da capital piauiense.

A cada murmúrio de que sua prisão havia ocorrido, grande quantidade de curiosos se avolumava às portas do 1º DP de Timon e, face à dificuldade da polícia em prendê-lo, começou a surgir murmúrios entre os locais e até mesmo entre alguns policiais de que Zara tinha poderes mágicos, como orações ocultas que lhe permitiam esconder-se atrás de uma faca ou transformar-se num toco de árvore. (SILVA e SILVA, 2011b:86) E o próprio Zaratustra fazia questão de alimentar este folclore que era gerado em torno de si, adotando hábitos majoritariamente noturnos e disfarces ao mesmo tempo em que “afrontava” o cerco policial promovendo arruaças e frequentando espaços públicos.

Tal jogo de gato e rato entre ele a polícia local, minuciosamente descrito nos jornais, teria fim poucos meses depois, quando foi baleado por um comerciante durante uma tentativa de assalto em Belém (PA). Logo a notícia de seu retorno a Timon foi transformado pela polícia e imprensa num grande acontecimento e seu julgamento representaria a desejada vitória da lei sobre o bandido. No entanto, durante as audiências realizadas em no fórum da cidade, acompanhadas por muitos de curiosos, manifestações de apoio ao réu deixaram jornalistas e juízes aterrados, como revela a reportagem do *O Dia* de 8 de fevereiro de 1992:

Estranho é que “Zara”, um bandido da mais alta periculosidade, com assassinatos seguidos de morte até em outros Estados e que atemorizou durante muito tempo o povo de Timon e de Teresina, recebeu uma manifestação de apoio por parte das pessoas que se aglomeravam em frente ao Fórum Criminal de Timon, onde forma exibidas faixas e cartazes pedindo a sua liberdade, com frases até mesmo carinhosas como: “Zara”, nós te amamos”, “Zara”, queremos a sua liberdade”, “Zara”, queremos que você permaneça em Timon”. (ZARA, 1992)

A “estranha manifestação” descrita pelo cronista revela como, àquela altura era incontestável a existência de uma cisão da sociedade local os partidários de Zara, para os quais ele ainda era julgado como um justiceiro benfeitor, e seus críticos, sobretudo a polícia, a

Justiça e a imprensa, para os quais ele não passava de um perigoso assassino. Enquanto ele permaneceu preso no 5º DP de Teresina, várias matérias foram divulgadas explorando o perfil calmo e “boa pinta” do réu que chegou até mesmo a ser figurar nas pesquisas de opinião como um dos indicados para ocupar o cargo de prefeito da cidade.

Quando ele conseguiu fugir da prisão, em 5 de março de 1992, as mordomias desfrutadas por ele na prisão novamente trouxeram à tona várias suspeitas da conivência policial com a fuga e reiniciou-se uma acirrada perseguição que seria concluída numa sexta-feira, 13 de março de 1992, quando ele foi recapturado e morto pela polícia, levando ao clímax a cisão entre seus adversários e partidários.

Interpretando o ocorrido como um crime premeditado pela polícia, os parentes e amigos de Zara contrapunham a passividade do sujeito ao se entregar à crueldade dos agentes ao assassinar um homem indefeso, situação que, na interpretação do jornal *O Dia*, inverteu os papéis e transformou a vítima, de um perigoso bandido num herói na avaliação popular:

Ao pensar que eliminando de vez o bandido Zara estaria liberando a sociedade de um dos criminosos mais perigosos da história policial, a Polícia acabou se transformando no grande vilão do acontecimento. E Zara no herói pela manifestação popular. (MITO).

Tomando para si a defesa da memória do morto, a família de Zara transformou o seu enterro num grande ato público, que contou com carro de som e a presença de um grande público, desde amigos e adversários a curiosos que vinham até de Teresina acompanhar o último momento do famoso bandido.

A que se deveu, então, tamanha notoriedade? Às características pessoais do sujeito: sua empatia com os membros da comunidade em que nasceu, sua habilidade em eliminar seus adversários e driblar os cercos policiais e ainda se autopromover por tais atos? Às condições particulares da violência urbana em que viveu, marcadas por um período de incremento do tráfico de drogas e os conflitos que provocou e por uma posterior remodelação do Sistema de Segurança em resposta a tal contexto e à imagem de cidade sem lei atribuída a Timon? A trajetória de Zara nos demonstra que todas estas variáveis interferiram em sua trajetória, que não foi, em nenhum momento, um jogo de favas contadas, mas sim uma ampla rede de possibilidades dentro das quais as escolhas pessoais deste sujeito acabaram por garantir um lugar marcante e contraditório da sua memória entre seus contemporâneos.

FONTES PRIMÁRIAS

JORNAL O DIA, Teresina, jan 1980 – dez. 1992.

JORNAL O ESTADO, Teresina, jan. 1985 – dez. 1992

JORNAL DIÁRIO DO POVO, Teresina, set. 1987 – dez 1992.

BELO, Estévan Alves. *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 25 dez. 2011.

OLIVEIRA, Almerinda de Barros Lima, *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 17 jul. 2006.

MARANHÃO. (GOVERNO). Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão. 2ª Vara Criminal da Comarca. *Processo nº 0860/92 referente ao assassinato de Antonio Francisco de Carvalho Reis*. Timon, 1992. 56 fl..

MARANHÃO. (GOVERNO). Poder Judiciário do Estado do Maranhão. 2ª Vara Criminal da Comarca. *Processo nº 092/92 referente ao assassinato de Sebastião Dias de Araújo*. Timon, 1992. 191 fl.

MORAES, Suely Marinho e OLIVEIRA, Almerinda de Barros Lima. *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 24 jun.2007.

MOREIRA, Jean Claude. *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 26 set. 2011.

SILVA, Manoel Moreira da. *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 22 dez. 2011

SILVA, Elza Dimas Ferreira da. e SILVA, Maria da Luz Ferreira da . *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 20 jul. 2011.

SILVA, Elza Dimas Ferreira da. e SILVA, Maria da Luz Ferreira da . *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 21 dez. 2011;

SILVA, José Washington Araújo da. *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 20 jun. 2005.

REFERÊNCIAS

ASSASSINADO mais um na guerra de traficantes. *O Dia*. Teresina, p. 8, 24 ago. 1989.

BERNARDI, Célia de. *O lendário Meneghetti: imprensa, memória e poder*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

BRITO, Thiago Oliveira da Silva. *Assim viveu Zaratustra: tensões na construção da memória de um bandido-herói*. Teresina, PI: [s.n.], 2007. Originalmente apresentado como monografia de conclusão de curso, Universidade Federal do Piauí, 2007.

_____. *Zaratustra Yáscara Douglas: a construção da fama de um “mito do crime”* (Timon, 1968-1992). Teresina, PI: [s.n.], 2012. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Piauí, 2012.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CAUFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP,

DE LUCA, Tânia Regina. BASSANZI, Carla (org.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da “Belle Époque”*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Michael M. História Oral: os riscos da inocência. IN: *O direiro à memória*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico. 1992. p. 157-166.

LULA, Venâncio. *Vila de Flores*. Brasília: [s.n.], 1991.

MITO. *O Dia*. Teresina, 14 mar. 1992, Coluna Roda Viva, p. 2.

MONTE, Regianny Lima. Teresina dos Anos Dourados aos Anos de Chumbo: o processo de modernização e a intervenção do Estado autoritário. Relatório do projeto de Iniciação Científica PIBIC-Cnpq (2006-2007) – sob a orientação do prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento. Teresina. Ago. 2007.

MORAES, Suely Marinho e OLIVEIRA, Almerinda de Barros Lima. *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 24 jun.2007.

MOREIRA, Jean Claude. *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 26 set. 2011.

OLIVEIRA, Almerinda de Barros Lima, *Depoimento concedido a Thiago Oliveira da Silva Brito*. Timon, 17 jul. 2006.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. IN: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. *História, Memória e Identidades em Timon na década de 1980*. Teresina, PI: [s.n.], 2007. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Piauí, 2007.

SCHWARZSTEIN, Dora. Historia Oral, memória e histórias traumáticas. IN: *REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL*. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, nº 4, jun. 2001. p. 78-80.

SILVA, J. O. *Geotecnologia aplicadas em estudo socioeconômico da ocupação urbana: o bairro Cidade Nova do município de Timon-MA*. 2010. Teresina, PI: [s.n.], 2010. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de São Paulo, 2010.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. IN: NOVAIS, Fernando A. e SCHWARZ, Lilia Moritz, (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia de Letras das Letras, p. 246-318.

ZARA é aplaudido pela população de Timon quando chegava no Fórum. *O Dia*. Teresina, ano 41, nº 9.830, p. 8, 8 fev. 1992.